João Pessoa, v. 24, n. 56, maio.-ago., 2025

"O Mistério Do Inferno Do Mato": A Expedição Alemã Pelo Rio Jari - Amapá

Evelanne Samara Alves da Silva*
Universidade Federal do Amapá, Brasil.
https://orcid.org/0009-0007-2797-4023

Resumo: O artigo aborda a expedição nazista no Amapá, que deu origem ao documentário sobre uma Expedição Alemã Amazonas-Jari. O objetivo geral desse artigo consiste em mostrar a importância do documentário como fonte histórica e descrever como foram planejadas as ações para produção e os aspectos mais relevantes demonstrados no documentário, produzido entre 1935 e 1937. No percurso metodológico utilizou-se levantamento bibliográfico para organizar o referencial teórico e uso do levantamento de documentos históricos, filmes e documentários históricos sobre o nazismo durante as duas grandes guerras mundiais e acervos fotográficos de viajantes alemães. Concluiu-se que o documentário sobre a expedição nazista no rio Jari apresentou, por conta da travessia total do rio Jari - Amapá, nuances do encontro dos nazistas e ribeirinhos e do choque cultural com os índios Apalai e Wayanã que participaram, voluntariamente, da coleta de peles de animais, adereços e objetos culturais, além do documentário trazer uma representação dos aspectos da fauna e flora e ser fruto de troca de experiências em prol de um modelo de ciência.

Palavras-chave: *Documentários; Expedições científicas; Nazismo.*

*Doutora em História pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA (2024). Mestre em Educação Sexual pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP (2018).Especialista em Educação Especial e Inclusiva pelo Centro Universitário Internacional – UNINTER (2012). Especialista em História da Amazônia pela Faculdade de Macapá – FAMA (2011). Licenciada e Bacharela em História pela Universidade Federal do Amapá – UNIFAP (2005). Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Única (2024). E-mail: evelannesamara2010@hotmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Programa de Pós-Graduação em Ciências Jurídicas

DOI: https://doi.org/10.22478/ufpb.1678-2593.2025v24n56.75352

"O Mistério Do Inferno Do Mato": A Expedição Alemã Pelo Rio Jari - Amapá

Evelanne Samara Alves da Silva

1 INTRODUÇÃO

O artigo aborda o valor dos documentários como fonte histórica tendo por objeto mostrar a expedição nazista no Amapá, que deu origem ao documentário da Expedição Alemã Amazonas-jari, produzido pelos alemães entre os anos de 1935-1937, que anuncia em seus primeiros segundos que tudo se tratava de um "mistério do inferno do mato". Uma expedição nazista que marcou a História do Estado do Amapá, e mais especificamente do município de Laranjal de Jari.

O estudo reporta a uma cena que causa curiosidade para os amapaenses até os dias de hoje. Se buscarmos o tema na internet, no topo da tela aparecerá a fotografia de três indígenas de porte imponente ao lado de uma grande cruz de madeira com inscrição em alemão: Joseph Greiner e uma suástica nazista no topo. Perguntas surgem ao olhar a imagem em preto e branco que retrata a floresta ao fundo e indica uma proximidade dos indígenas com aquele marco, ao tocarem a cruz de madeira. A curiosidade nos leva à busca de quem se tratava na inscrição e como foi a presença de um grupo alemão e nazista naquelas terras.

A relevância do estudo se fundamenta na adoção do entendimento do uso de documentários com finalidades científicas e históricas, mas não somente nessas dimensões, pois também podem ser adequados a uma perspectiva demonstrativa. Rezende Filho e Sá (2016, p. 622) denominaram de "documentos históricos e gestos estéticos-políticos endereçados a um espectador". Podendo-se então enquadrar, previamente, as ações nazistas no Amapá no campo das

tensões entre representação e endereçamento das relações entre o gesto/intenções do produtor e as condições/limites que o cinema impõe à comunicação da ciência.

Nessa perspectiva, o objetivo desse estudo consiste em mostrar a importância do documentário como fonte histórica através da expedição nazista no Amapá, e descrever como os alemães nazistas planejaram suas ações e os aspectos mais relevantes demonstrados no documentário.

Os dados foram analisados sob a perspectiva da pesquisa descritiva de natureza qualitativa. Sendo, portanto, utilizadas as técnicas de leitura sistemática e análise de seus conteúdos para a construção de resumo e resenhas dos estudos selecionados. Além de estudos bibliográficos Foram apresentados e identificados os elementos históricos presentes nos documentários nazistas realizados em meio às expedições na região norte do país, especificamente, a que se iniciou no Pará, adentrou o rio Jari e se encerrou na fronteira com a Guiana.

2 OS DOCUMENTÁRIOS COMO FONTE HISTÓRICA

O documentário, para ser assim entendido, precisa ter claras as suas finalidades e definidos os campos que abordarão uma narrativa caracterizada como não ficcional, por onde se tornam nítidas as intenções e possíveis polêmicas no bojo de sua estruturação e organização em vídeo.

Melo (2002) tratou o documentário como gênero audiovisual que apresenta o discurso sobre o real, em outros termos, um documentário procura descrever e interpretar o mundo da experiência coletiva. As informações obtidas por meio do documentário são tomadas como “lugar de revelação” e de acesso à verdade sobre determinado fato, lugar ou pessoa.

Por isso, os documentários diferem dos filmes de ficção, pois, segundo foi explicado por Melo (2002), nesteo segundo há um jogo de faz de conta proposto pelo diretor, não tendo, assim, cabimento discutir questões de legitimidade ou autenticidade. Por isso, ao se visualizar um documentário, torna-se facilmente possível encontrar as explicações lógicas para determinado acontecimento.

Os documentários são sempre construídos a partir de um relato resultado de um trabalho de síntese, que envolve a seleção e a ordenação de informações. Sendo assim, nas narrativas pessoais, como nas descrições feitas por jornalistas, por exemplo, identifica-se o sujeito-autor, o qual cria uma situação nova a partir de um fato que já passou. A situação nova é a representação dos fatos históricos. Dessa forma, mesmo configurando-se como um discurso sobre o real, documentários não são reflexos, mas construções da realidade social. No documentário, não há somente documentação, mas há um processo ativo de fabricação de valores, significados e conceitos, na seleção e encadeamento dos depoimentos que compõem a narrativa (MELO, 2002).

3 NAZISMO: O LEGADO NO CINEMA

3.1 O cinema de propaganda na perspectiva política nazista

A relação do nazismo com a linguagem audiovisual em que o cinema e o documentário faz parte, é próxima, sendo estes utilizados como meio de propagação do ideal político e de propaganda dos embates bélicos e políticos em que estavam obtendo êxito e conquistando territórios (PEREIRA, 2003).

O cinema de propaganda, que na perspectiva política nazista se consolidou no período da I e II Guerra Mundial, e assim, foi utilizado para acrescentar o discurso político e partidário com vistas à escalada eleitoral e ascensão de Hitler, sendo um movimento que iniciado com curtas-metragens eleitorais que propunham tornar

presente o nazismo na vida das pessoas, estimular as massas alemãs para participar da experiência nazista e contribuir para tornar a Alemanha entre as potências do cinema internacional, atrás apenas das produções dos Estados Unidos da América (PEREIRA, 2003).

As estratégias de disseminação do ideal nazista frutificaram de forma intensiva, e até as produções cinematográficas e documentários, foram realizados para garantir que tais ideais pudessem ser repassados para a coletividade, de maneira que a busca e morte dos inimigos se tornasse uma motivação em nome da pátria e da superioridade da raça ariana (LENHARO, 1989).

Representar as etnias inferiores não se resumia às referências nazistas contra os judeus, mas diversas representações inferiorizadas sobre outros povos. Foram feitos filmes que condenavam os eslavos de nacionalidade polaca, theca e russa, por exemplo, que eram tratados como alvos de ataques de guerra, vistos como torturadores de alemães, brutos e alcoólatras, que violentavam mulheres e assassinavam civis. Os ingleses foram mostrados como covardes e capitalistas esnobes. Os franceses eram representados como desorganizados e inferiores como soldados. Os norte-americanos eram retratados numa mistura não muito clara de antissemitismo e anticapitalismo. E assim, seguiam, sistematicamente, criando imagens sobre outros países (PEREIRA; PEDRO, 2017).

Nesse contexto, acontece a invenção do cinema em 1914, que teve uma forte presença na Primeira Guerra Mundial, conforme aponta Daehnhardt (2014). O marco desse período foi a evolução dos recursos tecnológicos bélicos ao nível industrial e em grande escala, surgindo novas armas, tanques, aviões e submarinos e também a arma química (primeira arma de destruição em massa), o que garantiu aos alemães a autossuficiência e segurança para ganhar a revanche com as outras nações, o que a fez dispensar alianças. Em concomitância, a Alemanha desenvolveu uma forte capacidade científica, da qual emergiu os recursos tecnológicos para criar o cinema (DAEHNHARDT, 2014).

Nessa fase do primeiro momento da I Guerra Mundial (1914-1919), o cinema tornou-se o principal meio de promover os ideais nacionalistas alemães, cumprindo a premissa de alienar as massas em promover a vitória e a aniquilação dos inimigos da Alemanha, sendo apresentadas produções cinematográficas que se enquadravam no subgênero denominado "Filme-batalha" (SOUZA, 2019).

Os comandantes dos exércitos alemães utilizavam filmes e documentários para proporcionar entretenimento aos soldados. Estes momentos remediavam a tensão que os soldados passavam e ainda revigoravam os mesmos para as batalhas (SOUZA, 2019).

Com o fim da 1.ª Grande Guerra, a Europa ficou arruinada em seus aspectos econômicos, sociais e políticos devido ao revanchismo, e a nação alemã é apontada como a nação que sofreu duras consequências, sua economia foi dissecada — não havia recursos, nem mão de obra ativa, muitos morreram ou estavam com problemas psicológicos e/ou mutilados. Os territórios foram desmembrados para atender o Tratado de Paz de Versalhes, assinado em 1919, elaborado pelos países que venceram o embate bélico e encerraram o primeiro capítulo das guerras mundiais (REIS; DUARTE, 2019).

Pereira (2013) demostra que são vários os exemplos de filmes alemães que buscavam a doutrinação nazista para as massas e traziam a ideologia dos discursos, como o filme "Eu Acuso!", de 1941, dirigido por Wolfgang Liebeneiner. A produção colocava a raça ariana como superior e propunha, a partir de sua mensagem, a legalização pública da eutanásia. O filme era um drama romântico, justificava assassinatos que seriam cometidos em nome da pureza da raça ariana.

Mas os filmes não apenas exprimiam louvor a doutrina nazista alemã, por sua vez, algumas produções de cinema apresentavam um roteiro de oposição aos filmes que exaltavam a superioridade da raça ariana, nos quais fica evidente o discurso de inferioridade dos demais

países e etnias, sendo os judeus os mais apresentados e representados, pois mostravam os judeus como personagens maldosos, feios, demoníacos e animalescos, reforçando a mentalidade antissemita alemã (PEREIRA; PEDRO, 2017).

As produções justificariam o genocídio de aproximadamente seis milhões de judeus, levados aos campos de concentração, com ciganos, homossexuais e comunistas. O avanço do exército nazista acontece em várias frentes: o descumprimento dos acordos de paz, a militarização do povo alemão, na propaganda estratégica de doutrinação nazista nos sistemas: educacionais, no entretenimento, nos esportes, nos filmes e nos documentários de propaganda política (INGRAO, 2018).

Os filmes e documentários nazistas durante a Segunda Guerra (1939-1945), estavam mais organizados e sistematizados, sendo organizado um Ministério de Propaganda para conceber a organização dos filmes e documentários (PEREIRA, 2003).

Os documentários mostravam enredos descritores da guerra relâmpago, mostrando o quanto a Alemanha deveria ser a única vitoriosa no futuro sobre o passado de humilhações, do dinamismo sobre o mundo estático. As imagens realistas dos documentários encaminhavam o entendimento da ideologia, sendo predominantemente utilizados artigos de jornais, mapas e músicas (CAPELATO, 2011).

4 CHEGADA DO NAZISMO NAS TERRAS BRASILEIRAS

O partido nazista no Brasil (1928-1938) fazia parte de um grupo de filiais comandadas pela Organização do Partido Nazista no Exterior e inseridas em 83 países. O grupo instalado no Brasil teve a maior célula fora da Alemanha, possuía 2900 participantes, sendo estruturado de acordo com regras e diretrizes do modelo organizacional do III Reich (DIETRICH, 2007).

A realidade brasileira interveio nesse processo causando o que Dietrich (2007, p. 34) chamou de “tropicalização do nazismo”, algo

seria como o método utilizado para disseminar a ideologia nazista no Brasil com um discurso conciso e direto, porém, com algumas adequações por se tratar de pessoas que não possuíam tão enraizados os sentimentos nacionalistas que os alemães migrados possuíam. O desenvolvimento da ação do partido no Brasil foi presente em 17 estados brasileiros, tendo como contexto histórico a complexidade das relações Brasil e Alemanha durante o período da chamada Era Vargas (1930-1945), a relação com o Integralismo e eventuais conflitos raciais com a população brasileira e com judeus imigrados (DIETRICH, 2007).

Dietrich (2007) enfatizou o papel do chefe do partido nazista no Brasil, Hans Henning Von Cossel, considerado como *Führer* tupiniquim. Em outro estudo, por sua vez, Gertz (2018) expôs o medo e receios de muitos políticos da esfera federal em relação às regiões coloniais do sul do Brasil, se realizassem organizações partidárias e representassem um perigo para a unidade, integridade e governabilidade do país.

4.1 Tropicalização do nazismo

O conceito de tropicalização está inserido em um método de propaganda e difusão das ideias do III Reich no Brasil, sendo que o partido Nazista se alocou em diversas regiões do Brasil, era necessário realizar estratégias diferentes para cada grupo político abordado, porém, mesmo que a ideologia nazista estava tentando se implantar, no Brasil um país tropical a doutrina e ideologia não mudaram, mas passou por uma adaptação.

Até o fim da Segunda Guerra Mundial, o processo de imigração alemã se intensificou, visto que, além dos judeus, inimigos políticos e estrangeiros tiveram que encontrar meios para fugir do revanchismo imposto pelo movimento nazista alemão. Entre os anos de 1939 a 1945, cerca de 50 milhões de europeus deixaram o Velho Continente, destes, 4,5 milhões de emigrantes tomaram o rumo do

Brasil, os demais embarcaram rumo aos Estados Unidos, Austrália, Argentina, Uruguai e outros destinos (SOLIZ, 2004).

Do montante que veio para o país sul-americano, somente 5% seriam de alemães fugindo das obrigações militares do nazismo. Pode-se compreender que o fluxo migratório anual de alemães era bem tímido, mas era contínuo, tanto que na explosão da 1.ª Guerra Mundial atingiu o seu auge. Era uma fase bastante preocupante para os brasileiros, principalmente os da região sul, onde se instalaram em torno de 80 mil alemães que queriam escapar da instabilidade da República de Weimar (SOLIZ, 2004).

Até que a II Guerra Mundial terminasse, o governo de Getúlio Vargas editou políticas de restrição à entrada de estrangeiros, estabelecendo cotas para não interromper o movimento imigratório. Mas durante a II Guerra Mundial, foi necessário proibir a entrada de cidadãos dos países do Eixo (Japão, Itália e Alemanha). E quando terminado o embate bélico, retomou-se a imigração alemã. Não há afirmação quantos nazistas comprometidos com o regime de Hitler fugiram para o Brasil. As pesquisas históricas confirmam que a Argentina serviu de refúgio a muitos criminosos de guerra (SOLIZ, 2004).

Com Getúlio Vargas no poder, o Estado Novo (1937-1945) em pleno funcionamento, um sistema de rádios e de filmes que consolidavam o populismo e a imagem do presidente brasileiro, facilmente os alemães tornara-se o segundo maior mercado consumidor de produtos brasileiros, saltando de 10% para 22% das exportações. E a troca de conhecimentos entre Alemanha e Brasil tornou-se prática comercial e militar corriqueira, tanto que em 1936, policiais brasileiros visitaram a Alemanha para serem treinados pela polícia política de Hitler e como retribuição, o governo brasileiro entregou-lhes Olga Benário, Erna Krüger, Elise e Arthur Ewert, fugitivos alemães viventes no país. Dito assim, Getúlio estava muito mais próximo de apoiar o Eixo que os Aliados, na guerra que se aproximava (DIETRICH, 2007).

Desde 1924, há registros de um grupo chamado genericamente de *Landesgruppe Brasilien* (ou O grupo do país Brasil), que, por ser nazista, se organizou como célula isolada e pertencente à rede mundial de filiais do partido existentes em 83 países. Sendo oficializado em 1928, seu líder pelo *führer* tupiniquim Hans Henning Von Cossel, com uma célula contendo 2900 integrantes nazistas em terras brasileiras. Em 1939, após dez anos de atuação no país, já tinham conseguido estatuto de partido, uma sede nacional em São Paulo, (com 785 membros), escritórios regionais em Minas Gerais (380 membros), Rio Grande do Sul (447 membros) e Rio de Janeiro (447 membros), então capital federal, e sedes municipais. Havia "agentes de divulgação" em Pernambuco e Bahia. E dois líderes foram treinados na Alemanha para se tornarem agentes políticos. Os membros também se organizavam em associações, como a Juventude Hitlerista, a Associação de Professores e a Associação de Mulheres Nazistas (DIETRICH, 2007).

4.2 Expedições nazistas a outros estados brasileiros

Nas pesquisas de Dietrich (2007), constatou-se que nas décadas de 1930 e 1940 o partido nazista já tinha conquistado seu espaço e estando presente em 17 estados brasileiros, o que aconteceu por meio de expedições, que foram sendo realizadas internamente por todo país, iniciando-se com a organização de um escritório de fachada, para a realização de serviço de escritório e contábeis e através de espionagem, para repasse de informações para a Alemanha.

Importa nesse momento compreender que havia grupos germânicos por todo o país, sendo os mais organizados e com maior participação de membros nazistas as filiais instaladas em Pernambuco, Mato Grosso, Goiás, Pará e Bahia. Como acontecia com os grupos do sul do país, foram empossadas lideranças ligadas ao governo nazista, estabelecendo grupos regionais do país ou pontos de

apoio. Além disso, era comum festejarem as datas festivas do III Reich, e utilizavam estruturas de clubes, escolas e os jornais para publicar em língua alemã suas ideais e suas intenções políticas em cada realidade.

4.3 Expedições nazistas na amazônia brasileira

Essas expedições aconteceram graças a grupos de partidários nazistas, ou seja, alemães de agremiação que não pertenciam aos quadros do partido no Brasil, mas que mediante viagens e expedições às terras brasileiras com fins etnográficos e de observação conseguiam realizar levantamentos dos recursos do país, identificar potencialidades econômicas e políticas nas localidades, e principalmente, como poderiam beneficiar o partido nazista na realidade em que estavam realizando as expedições (DIETRICH, 2007).

Uma expedição aconteceu com o uso do dirigível alemão ao Brasil em outubro de 1935, quando o então prefeito de Frankfurt Friederich Kreps visitou o Rio de Janeiro para avaliar "o paraíso tropical" que constava nos relatórios de viagem de diplomatas, partidários e funcionários do III Reich. O conteúdo dos documentos revela um olhar colonizador sobre o Brasil, mostrando as palmeiras, as matas, cabanas, enfim, a imagem de um país pobre, rural e tropical, retratando como viviam de forma precária os alemães que estavam instalados no Brasil, bem como o lado exótico da fauna e flora, a população local e a queima da mata (DIETRICH, 2007).

As informações colhidas compunham os cinejornais e os documentários militares, mostrando de que maneira viviam os alemães que viviam no Brasil, sendo estes repassados para os membros do exército alemão em reuniões secretas e como motivação para quem sobrevivesse à guerra, como refúgio de vida para os alemães que conquistassem a vitória e defendessem a Alemanha de seus inimigos (DIETRICH, 2007).

Outro exemplo emblemático de expedição realizado por partidários nazistas, foi a descrita por Dietrich (2007) ao descrevê-la, ter sido composta por um grupo de quatro pessoas que foram para o Amazonas, que adentrou as águas do Rio Amazonas, liderada pelo geólogo e piloto alemão Otto Schulz-Kampfhenkel, que durou de 1935 a 1937 realizando o reconhecimento da fauna e da flora na Amazônia.

Esta expedição frutificou em um documentário muito importante instrumento de propaganda do regime nazista, pois o grupo percorreu o rio Jari até a fronteira com a Guiana Francesa, uma viagem totalmente financiada pelos governos alemão e brasileiro, e a qual, foi descrita para cumprimento dos objetivos propostos e ensejados por esta monografia, torna-se o objeto de estudos.

5 A PERCEPÇÃO DOS ALEMÃES SOBRE O MACAPÁ

5.1 O Amapá no documentário "Expedição nazista no Amapá" (*rätsel der urwaldhölle*)

O pesquisador alemão Otto Schulz-Kampfhenkel, filiado ao partido nazista NSDAP, à época com 25 anos, teve importantes aspirações para expandir o partido nazista no continente americano, sua abordagem iniciou-se com a adoção da perspectiva científica, ao se juntar às pesquisas de Heinrich Himmler, que exercia a função de Coordenador Geral do Departamento Central de Segurança do III Reich, subordinado a *Schutzstaffel* (SS), mas também de pesquisador de áreas geográficas que pudessem garantir a expansão do partido e outras possibilidades de invasão (MONTORIL, 2012).

Dessa forma, Otto Schulz-Kampfhenkel e Heinrich Himmler conseguiram recursos alemães e apoio brasileiro para realizarem expedições na Amazônia. O apoio do governo nacional aconteceu com o discurso de convencimento em prol do desenvolvimento científico, de pesquisas de remédios com a fauna e a flora local, enfim,

uma expedição com finalidades de exploração científica. Mas confirmou-se que o motivo das expedições era o de encontrar descendentes da Atlântida, de raça pura e vestígios genéticos da "raça ariana", e pontos frutíferos para instalar bases alemães e então iniciar etapas de invasões e novos embates bélicos, sendo esta a finalidade para uma série de expedições que já aconteciam desde 1817 em várias regiões da terra com este propósito (MONTORIL, 2012).

Antes de chegar ao Amapá, em 1934, o pesquisador alemão Otto Schulz-Kampfhenkel foi convidado por Herman Goring (Comandante da Luftwaffe e marechal do Reich nazista) para realizar uma expedição ao Tibet, com a mesma estratégia científica, mas que não ocorreu por desistência de Otto Schulz-Kampfhenkel, justificando vésperas de realizar expedição no Vale do rio Jari, na região norte do Brasil, com o propósito de colaborar para a invasões nazistas pelas guianas e pelo Amapá (MONTORIL, 2012).

A expedição teve seu planejamento posto em prática a partir de 1935, quando Otto Schulz-Kampfhenkel ao chegar ao Brasil com Gerd Kahh (aviador alemão), Gerhard Krause (engenheiro alemão, quem realizou operação dos gravadores e filmadoras) e Joseph Greiner (teuto-brasileiro, segurança do grupo que guardaria o material alemão), preocupou-se em organizar os elementos que faltavam em sua viagem relativos à alimentação, gasolina e outras necessidades para que o seu hidroavião *Seekadett*, apelidado "Águia Marinha" não sofresse problemas na viagem (MONTORIL, 2012).

Figura 1. Hidroavião *Seekadett* estacionado na rampa da Aeronáutica, em Belém (1935)

Fonte: Montoril (2012, p. 1).

Em Belém, Otto Schulz-Kampfhenkel ainda passou dois meses buscando os documentos que autorizaria seu grupo realizar a subida ao rio Jari, visto que a burocracia local preocupava-se com a certeza de que a expedição teria somente o fulcro científico. O convencimento do discurso e dos documentos alemães fez até com que o Instituto Emílio Goeldi, de Belém e do Museu Nacional do Rio de Janeiro aderissem e embasassem a proposta, por isso, o Presidente Getúlio Vargas teve simpatia com o grupo e permitiu que fosse autorizados (MONTORIL, 2012).

Todo o percurso e a região eram desconhecidos pelos alemães nazistas, por isso optaram pelo hidroavião (um modelo inédito para a época, pois possuía flutuadores de compensado de madeira) pensando que no percurso não teriam problemas para o pouso e decolagem. Entretanto, os incidentes fizeram parte da viagem, pois o piloto errou duas vezes a rota de Arumanduba (local de onde iriam partir) e quando chegaram ao rio Jari descobriram que era um rio raso, com muitas cachoeiras e pedregoso, inviabilizando o uso da aeronave. Por isso, a expedição continuou por via terrestre e com uso de barcos dos ribeirinhos, por isso, documentos históricos confirmam que, os alemães nazistas contrataram cerca de 30

caboclos (Figura 2) para fazer o trabalho braçal durante a viagem (URBIM, 2017).

Figura 2. Grupo de 16 homens contratados pelos alemães nazistas para acompanhá-los na viagem no Rio Jari

Fonte: Montoril (2012, p. 1).

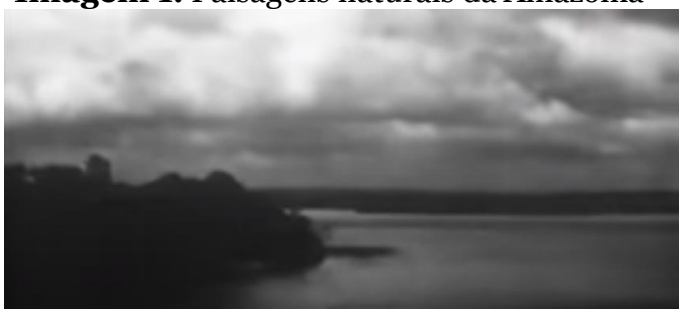
O grupo de contratados ficaram responsáveis pelos barcos que levariam as onze toneladas de suprimentos. Desse momento em diante inicia-se a análise dos conteúdos do documentário "Expedição Nazista no Amapá".

O Amapá retratado no referido documentário, evidencia os valores científicos sobre a fauna e a flora. As propagandas políticas ideológicas nazistas contidas nesse filme possuem duas finalidades: uma evidente (pesquisas científicas) e uma subjetiva (projetar meios de defesa bélicos capazes de fortalecer a nação alemã e destruir qualquer valor universal, democrático e socialista), sendo repassados na Alemanha, após edição dos filmes, os valores subjetivos como foi explicado e exposto no filme "Expedição Nazista no Amapá" (CAPELATO, 2011).

O documentário se inicia com as projeções sobre a Amazônia, a natureza, os elementos naturais e humanos e as circunstâncias para que a expedição ocorresse. O filme se inicia com os próprios alemães que participaram da expedição explicando que foram explorar o coração dos continentes, e conseguiram identificar nos

matos enormes da América do Sul, muitas paisagens de natureza (Imagem 1) desconhecidas esperando para serem exploradas e investigadas. No país de imensa extensão territorial, o Brasil pode ser o fator inesperado para exploração dos segredos por meio da ideologia nazista (SCHMUNZELTV, 1938).

Imagem 1. Paisagens naturais da Amazônia



Fonte: Schmunzeltv (1938).

Na sequência do filme, há uma fiel descrição da percepção que os alemães tiveram sobre o rio Amazonas e a natureza. Nos relatos afirmam que o Brasil é composto por áreas gigantescas de mato escuro longe dos homens, permitindo-se viver às margens dos rios isolados do mato a raça original da América, os livres índios da selva, que se conservam, atrás das barricadas das corredeiras, das cataratas e dos abismos, para a ciência, esse espaço paradisíaco dos animais e dos homens da selva era como um tesouro inacessível e inesgotável (SCHMUNZELTV, 1938).

Imagem 2. Imagem da Cachoeira Santo Antônio (localizada até então nos limites adminsitrativos de Mazagão) – 1935

Fonte: Schmunzeltv (1938).

Imagem 3. Cachoeira Santo Antônio no Rio Jari (Mazagão) – 2019

Fonte: IBGE (2020).

O Rio (Imagem 2 e 3) mostrara-se em vários momentos das narrações do documentário, como um famoso e notório inferno amazônico, mesmo assim, a intenção de explorá-lo apenas se engrandecia para os nazistas, que na sequência do filme, se apresentam e afirmam que o objetivo era atravessar o rio e explorar um dos últimos misteriosos espaços brancos, que, representava a área fronteiriça misteriosa entre o vasto mato da Amazônia central e a região selvagem de mata montanhosa da Guiana (SCHMUNZELTV, 1938).

Assim, enveredam-se a explicar os estilos de vida dos homens que habitam a região, o que aconteceu por 17 meses no espaço do rio Jari, explicando que utilizaram hidroavião, canoas, jangadas, com espingarda, diário e filmadora, para realizar a travessia do sul ao norte da Guiana brasileira no rio Jari, do rio Amazonas até a fronteira com Caiena. Iniciando a viagem na foz do rio, na cidade portuária de mato Pará (Belém), onde identificaram dois movimentos: a cidade tropical branca cheia de vida, comércio e progresso e edifícios deslumbrantes; e, por trás dela, rios silvestres onde barcos dos caboclos levavam as frutas às feiras, e, às vezes, traziam animais silvestres raros (SCHMUNZELTV, 1938).

Os viajantes relatam que do Pará partem de navio de vapor (Imagem 4) a montante, para o labirinto do delta do Amazonas. E a cada dia passado, estacionavam em postos de gasolina esquisitos dos vapores, em embarcadouros feitos sobre pilhas enormes de lenha. A cada parada eram recepcionados com o típico abraço brasileiro no píer, e onde o grupo contratado de caboclos (Imagem 5) realizara o carregamento de mantimentos, sacos de farinha, alimentos e toneladas de madeira (único material combustível utilizado para esses vapores).

Imagem 4. Partida de navio de vapor a montante

Fonte: Schmunzeltv (1938).

Imagem 5. Caboclos realizando carregamento de mantimentos

Fonte: Schmunzeltv (1938).

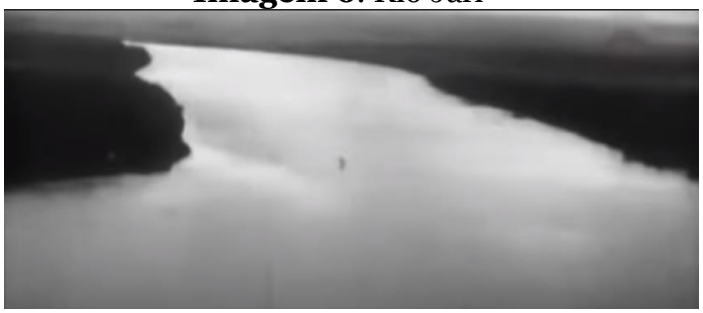
Assim, foram para o povoamento no rio Jari. Ao chegarem lá, encontraram muitos pescadores e muitas pilhas de madeira. Toda a comunidade utilizava muita madeira como matéria-prima para a

construção dos acessos do rio às comunidades, e também era muito usada na construção de cabanas com folhas de palmeira. Era comum os nazistas se espantarem com o estilo de vida e com a mistura dos povos indígenas, africanos e portugueses, relatando no documentário o encanto com uma criança indígena de olhos azuis (SCHMUNZELTV, 1938).

Os nazistas relataram os espantos dos membros da comunidade com seu estilo de vida, suas vestimentas, seus equipamentos e outros pontos culturais divergentes. De parada em parada, os nazistas conseguiram chegar em Arumanduba, região de Almerim, Pará e depois esboçam as dificuldades para chegar a foz do rio Jari, mas conseguiram chegar, é onde o navio a vapor fica parado e a tripulação passa para os barcos dos ribeirinhos, onde iniciam a expedição de forma mais promissora (SCHMUNZELTV, 1938).

Nos relatos contam histórias do contato com a população local e descrevem suas primeiras impressões com o hidroavião. O rio Jari (Imagem 6) foi descrito como uma água selvagem tempestuosa cheia de corredeiras. Constataram que em nenhum lugar há traços de habitações humanas nas florestas. Mas, com os ribeirinhos que compunham a equipe da tripulação, puderam ouvir histórias de que há 4 anos passados, 3 homens da selva de pele marrom apareceram em canoas na grande corredeira e trocaram com os seringueiros os seus papagaios mansos por facas, miçangas e cachorros. Desde então, com o fascínio das histórias, o propósito da viagem se voltou ao encontro desses indígenas (SCHMUNZELTV, 1938).

Imagem 6. Rio Jari



Fonte: Schmunzeltv (1938).

Inicia-se a fase da expedição com avanço através da frota de barcos e nova tripulação contratada. Os nativos da região (Imagem 7) começaram a guiar os alemães nazistas rio Jari adentro. O documentário conta a participação de alguns personagens: Carcício, chefe deles, tem sangue de índio nas veias; Francisco é um caçador de paixão; Gurupá conta para sua gente como recentemente durante a caça atraiu as ariranhas imitando o barulho deles; Manuel, o caçador, se orgulha da sua arma de fogo antiga que carrega pela boca. São apenas 4 alemães nazistas com uma equipe de 21 homens, e juntos vão ao ataque do espaço branco no rio Jari (SCHMUNZELTV, 1938).

Imagem 7. Nativos levando os alemães nazistas pelo Rio Jari.

Fonte: Schmunzeltv (1938).

O documentário detalha os desafios da expedição. Foi relatado que a primeira barricada foram as cataratas de mais de 20 metros de altura. Relataram que foi preciso atravessar 6 canoas que carregavam cerca de 100 talentos de carga (um talento = 50 quilogramas). Chegaram o mais perto que podiam da cachoeira Santo Antônio, foi quando o primeiro barco entrou numa lacuna entre os arbustos na beira, onde os ribeirinhos da equipe passaram meia semana construindo uma trilha sobre as rochas da catarata (Imagem 8) para

que conseguissem subir para a parte de cima da catarata e continuar a viagem pelo Rio Jari (SCHMUNZELTV, 1938).

Imagem 8. Nativos e alemães construindo trilha de rochas

Fonte: Montoril (2012, p. 1).

Como se pode observar, em todo o percurso da viagem dos alemães com os ribeirinhos que conheciam a região, há o uso das ferramentas de filmagem, áudios, gravações de diálogos, tudo foi registrado pelos alemães para que pudessem mostrar aos seus superiores na Alemanha os resultados dessa expedição e as possibilidades e dificuldades para explorar a região com fins de exploração do poder nazista e invasão do continente pelas Guianas (MONTORIL, 2012).

Retomando o documentário, continuam a viagem relatando que depois de outra meia semana somente metade da frota conseguiu subir para a plataforma de cima e remar, mais meia semana leva para que a última barca pudesse chegar à parte de cima do rio. O que levou a divisão da tripulação, mas que logo depois se encontraram sem grandes perdas humanas, apesar da nuvem de moscas zumbirem em volta dos sacos de mantimentos.

Esse relato mostra como foi difícil enfrentar o primeiro trecho de corredeiras que encontraram. Tudo era uma novidade, ninguém sabia o que iriam enfrentar na viagem, pois nenhum dos ribeirinhos

chegou tão longe. O filme mostra com riqueza de detalhes essa situação (SCHMUNZELTV, 1938)

Imagem 9. Uma das corredeiras do Rio Jari sendo transposta com muita dificuldade

Fonte: Montoril (2012).

Os detalhes do filme, a todo momento, demonstram os recursos da propaganda política. Tanto que em uma das observações do narrador, afirma que urubus circulavam no céu em cima deles (sabe-se que os inimigos nazistas são vistos como animais possíveis de serem exterminados) e em vários momentos do filme, fica evidente essa subjetividade nas falas dos narradores (MONTORIL, 2012).

Continuando a viagem, passados os desafios das corredeiras, iniciaram-se as atividades de caça para a coleção zoológica, fazendo a taxidermia de um grande galináceo, construindo um acampamento

de caça para vários dias em território de muita caça. E assim, por mais dois dias seguem no acampamento matando animais terrestres (cutia) e animais aquáticos (jacaré, lagarto de carapaço, crocodilo baleado, um jacaré mirim) o pelo dos animais entra na coleção zoológica pela taxidermia e a carne para dentro da panela pelos responsáveis do dia para cozinhar no acampamento, embaixo das árvores.

Assim, quando estão comendo, um dos rapazes da cozinha, de repente, vem correndo e grita "Índio, índio!". Todos correm para a beira e os visualizam remando, na baia tranquila, uma canoa com indígenas. Logo, o narrador assume o dever de pegar a câmara e filmar o homem da floresta nu (Imagem 10), com seus papagaios no barco, se aproximando de maneira hesitante. Um dos alemães vai ao encontro dele, o abraça para mostrar que estão em visita amistosa (SCHMUNZELTV, 1938).

Imagem 10. Índio Winnetou, imagens do primeiro contato

Fonte: Schmunzeltv (1938).

O documentário assume impressões impactantes para os alemães, ao mostrarem como vivem o primeiro verdadeiro homem da floresta, da raça original da América. A comunicação foi a cargo de um dos ribeirinhos que conhecia algumas palavras de língua indígena. E ao conversar com o indígena confirmou que ele estava

descendo o rio, para trocar os seus papagaios por facas, miçangas e tecido com os mestiços na grande corredeira. Os alemães mostraram para o índio os livros imagens de animais do país e ficaram sabendo que justamente os animais que procuravam vivem nas suas florestas. E agora, partiu-se para convencer o homem para levá-los até sua aldeia, o que demorou um dia para ceder os pedidos e levá-los (SCHMUNZELTV, 1938).

Novamente, a viagem mostra-se muito difícil contra as duras águas brancas e suas corredeiras. Assim, o narrador novamente afirma que os nazistas do país devem encontrar canais navegáveis, para conseguirem avançar sem utilizar a corda e lutarem contra a correnteza. Assim, descreve que a pés nus a equipe estava em frente as rochas ásperas do leito do rio Jari, passando barco a barco, até que, após semanas, terminasse a passagem para se levar toda a frota para cima. Foram tempos difíceis, mas conseguiram manter contato com o estilo de vida dos indígenas e, depois, com a chegada na aldeia, mantiveram contato direto (SCHMUNZELTV, 1938).

Um dia algo estranho acontece, um indígena para num banco de areia branca, pega uma vara e começa a enfiá-la na areia. De passos largos, o narrador afirma que pega sua câmera e começa a filmar quando o indígena cava na areia e tira ovos da areia quente, são dezenas de ovos de uma iguana verde que confia os seus ovos para incubar na areia quente de sol. O indígena enche todo o seu chapéu e à noite no acampamento cozinhou toda essa salada. Assim, chegam à aldeia de índios *Apalai* e são recebidos pelo cacique (SCHMUNZELTV, 1938).

O cacique vem ao encontro dos alemães e tripulação, andando pelo mato não muito denso. De braços entrelaçados, dando risadas, batendo uns aos ombros dos outros, entram agora, os alemães, como os primeiros homens brancos, nessa aldeia dos *Apalai*. E o narrador, busca mostrar a todo tempo que estão ali e estão sendo amigos dos indígenas. E assim, na amizade e na persuasão conseguem identificar o local da aldeia no mapa, próximo a uma foz de um canal lateral que

os índios chamam de Ipitanga, e dez minutos remando chegam a uma aldeia deserta onde agora poderão montar o acampamento principal por longos meses (SCHMUNZELTV, 1938).

Na narrativa do filme apresenta-se que na aldeia indígena as câmeras estão espiando no cotidiano de um povo primitivo sem contato prévio. Nos primeiros dias as crianças são tímidas em frente à filmadora e os velhos se interessam mais pelos gravadores (Imagem 11), mas depois de uma semana já se acostumaram aos "maus homens brancos" e bebem das suas mãos. Assim, o documentário passa a descrever, de modo intenso e detalhado, o estilo de vida do indígena que nunca teve contato com homens brancos (SCHMUNZELTV, 1938).

Imagem 11. Gerhard Krause mostra a uma velha índia como funciona um gravador

Fonte: Schmunzeltv (1938).

Passados dez meses de acampamento na floresta. Novos acontecimentos estão por vir. Enquanto o café é preparado pelo cozinheiro, os indígenas preparam a grande festa com dança. As mulheres preparam de mandioca raspada a *caxiri* (cerveja produzida pelos indígenas gostosa e levemente embriagante) em panelas de

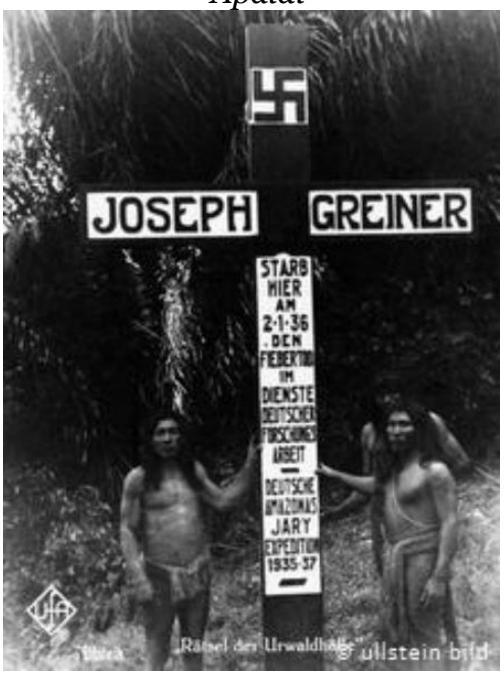
barro. Os alemães e sua tripulação carregam motores dos barcos às baterias para o aparelho de gravação de som. Os índios, já todos enfeitados para a dança, estão por perto, curiosos e desconfiados (SCHMUNZELTV, 1938).

De cima da casa, o narrador diz filmar como as mulheres agora se juntam aos homens, se enfiam por baixo dos seus ombros e dançam juntas. Em frente, o aparelho elétrico grava pela primeira vez esses ritmos de dança fantásticos para os acervos científicos. As velhas, pintadas para a festa, observam e convidam os alemães para dança (Imagem 12). Mulheres novas carregam os bebês num pano, se juntam aos homens na dança. Mulheres velhas batem o ritmo; na grande casa dos homens a dança continua em volta do poste central. A panela com a nutritiva cerveja de índio está no meio da casa. Mulheres passam tigelas com *caxiri* para os dançarinos (SCHMUNZELTV, 1938).

Imagem 12. Índias velhas convidando alemães para dançar na roda dos índios

Fonte: Schmunzeltv (1938).

Imagem 13. Cruz sobre cova de Joseph Greiner e os índios *Apalai*



Fonte: Schmunzeltv (1938).

O documentário também prestou homenagens. O narrador diz que dez meses de trabalho bem-sucedidos no mato também causam perdas, tratando como camarada o alemão Joseph Greiner que morreu de febre durante a expedição. Assim, na cachoeira grande de Santo Antônio ergueram para ele agora, nove meses depois da sua morte, uma cruz (Imagem 13) feita de madeira amazônica dura como ferro. Gerd Kahle se encarregou da primeira exploração e cartografia do rio Ipitinga e após o retorno bem-sucedido do Ipitinga, precisou ser transportado para fora da área devido a apendicite. Krause, gravemente adoecido de malária, acompanha-o de volta (SCHMUNZELTV, 1938).

Assim se iniciara a última etapa, o avanço até a fronteira com Caiena. Os relatos descrevem a despedida no centro da aldeia. Agora, a tripulação se reduz a um nazista alemão, ao brasileiro assistente fiel, e mais dois homens e duas mulheres indígenas. Do antigo acampamento principal agora o documentário segue descrevendo a viagem em direção à corredeira Mukuru, muito temida pelos

indígenas. Passagens estreitas de água selvagem entre as rochas. A água força seu caminho com veemência inimaginável para o vale. As novas corredeiras são conquistadas em trabalho de grupo e sem medo das piranhas. E assim, surge a foz de um afluente misterioso, o Inipucu, aparece (SCHMUNZELTV, 1938).

Passados 50 dias, viajando a montante no rio Jari desde a grande corredeira, procurando a tribo dos Wayanãs que dizem que habitam aqui na região do nascente. O que acontece? O contato aos 52 dias de viagem, quando os viajantes constatam construções como tripés no meio do rio (Imagem 14); construções dos índios para dormir, nas quais penduram suas redes à noite por medo de passar à noite na floresta (Schmunzeltv, 1938).

Imagem 14. O primeiro contato dos alemães nazistas com os índios Wayanã

Fonte: Schmunzeltv (1938).

As canoas dos indígenas Wayanã são, descritas no documentário como portadoras de homens, mulheres, crianças, pintados como diabos, são desconfiados e calados, a pessoa que estava falando com o alemão e os demais membros da tripulação rema para um banco de pedra, onde as duas frotas desembarcam. Em todo o tempo as filmagens não pararam de acontecer, o registro era uma forma de descrição do encontro com essa população desconhecida até então pela expedição (SCHMUNZELTV, 1938).

Após um período de conversas, a equipe de expedicionários foi levada para o rio Cuc. E assim, estão chegando em outro destino, a fronteira de Caiena, agrupando dez canoas e 35 indígenas em verdadeiras canoas de família: em frente o pai rema, no meio estão sentados os filhos e a mãe pilota. A proximidade com os *Waijãpi* torna-se ansiosa, mas antes, novas corredeiras barram o caminho. Mais alguns dias de viagem chega-se a aldeia *Waijãpi*, uma tribo primitiva de índios tupi. A vida indígena passa a ser observada e registrada por vídeo e por áudio. Assim, inicia-se a aquisição dos objetos culturais para o Museu Etnológico de Berlim dessa tribo indígena que foi considerada extinta, mas que, existem até a atualidade. Salienta-se que o vídeo mostra que os objetos culturais foram obtidos por meio de troca de colheres de arroz preparado pelos visitantes (SCHMUNZELTV, 1938).

Imagem 15. Objetos culturais trazidos pelos índios para os visitantes

Fonte: Schmunzeltv (1938).

O trabalho científico na aldeia indígena terminou. A meta geográfica, a primeira travessia do sul ao norte da Guiana brasileira, foi cumprida. Dois rios novos foram descobertos e cartografados. Amplas coleções zoológicas e etnográficas foram coletadas em 17 meses no mato. O fim do filme é feito por uma avaliação e um sentimento de nostalgia e triunfo, tanto que o narrador expôs relatos saudosos sobre a despedida com os índios e o retorno pelo rio

Amazonas novamente em direção ao mundo dos brancos. E enquanto voavam, dia após dia, pelas corredeiras selvagens, continuamente propícios a naufragar nos turbilhões do rio de água cheia, crescia-lhes uma sensação de agradecimento e de triunfo (SCHMUNZELTV, 1938).

5.2 O fim: balanço da expedição

Os estudos históricos confirmam que no fim da expedição, assim como aconteceu em sua última viagem à África, Otto Schulz-Kampfhenkel conseguiu coletar e reunir no período de setembro de 1935 a março de 1937 um montante de 500 peles de diferentes mamíferos, centenas de répteis e anfíbios, e mais de 1.500 objetos dos povos indígenas. Além de material acervo histórico com 2.500 fotos e 2.700 metros de filme (URBIM, 2017).

Em relação aos 2.700 metros de filme, foram editados e compilados e culminaram com a produção de documentário descritivo das principais conquistas e dificuldades durante a expedição militar. E, além disso, a viagem permitiu estabelecer um vínculo de colaborações entre Brasil e Alemanha no terreno diplomático, comercial e militar, como também científico, mas, não durou muito tempo, porque o âmbito das políticas públicas criadas pelo Presidente Vargas em 1938, propondo o nacionalismo, ocasionou a ruptura do vínculo alemão e nazista no país, encerrando-se com qualquer possibilidade de intervenção militar alemã consentida pelo governo brasileiro (NEHER, 2020).

É importante ressaltar que a expedição nazista pelo rio Jari não foi única que teve incentivos alemães para ser concluída no país. Documentos históricos já confirmaram que durante o período do Terceiro Reich, várias expedições se sucederam e aconteceram no país, mesmo que de modo proibido e escondido. Foi o caso de expedições que aconteceram em áreas de mata de São Paulo, Amazônia, Mato Grosso, Paraná e Espírito Santo, todas ações

amparadas por museus e por institutos de proteção a fauna e flora (NEHER, 2020).

A expedição também logrou prêmios para Otto Schulz-Kampfhenkel, que utilizou o seu material para lançar o filme Expedição Nazista no Amapá (*Rätsel der Urwaldhölle*, 1938), organizar exposições no Brasil com o seu acervo fotográfico e publicar um livro que ficou muito popular (URBIM, 2017).

Por isso, hoje, após várias pesquisas realizadas e publicadas por historiadores, como no caso de Neher (2020) e Urbim (2017), confirmou-se que a expedição ao rio Jari não tinha o propósito de espionagem militar para construção de uma nova base militar nazista (como foi rotulada por muito tempo), mas enaltecer a figura do pesquisador que Otto Schulz-Kampfhenkel se tornou em várias universidades e museus brasileiros, tornando-se, inclusive especialista do regime nazista para o Brasil no período de guerras e no pós-guerra.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O documentário "Expedição nazista no rio Jari — Ap.", que conseguiu demonstrar em 1938, o nível de conservação das terras do Amapá através da travessia total do rio Jari, o fascinante encontro dos nazistas e ribeirinhos e o choque cultural com a docilidade dos índios *Apalai* e Wayanã ao recebê-los, tratá-los como amigos e participar, voluntariamente, da coleta de peles de animais, adereços e objetos culturais (apesar de estarem sempre prontos para guerra, ambas as partes), a fauna e flora utilizada, a troca de experiências em prol da ciência, enfim, um Amapá que a atual conjuntura não conhecia, pôde ser visto em um documentário alemão produzido na década de 1930.

O documentário histórico visa representar a realidade do passado para um posicionamento moderno e contemporâneo, dando ensejo à atividade de representação. Apresenta um discurso fílmico carregado de enunciados e asserções sobre a realidade, e um saber

social prévio, identificando-se a narrativa documental ou ficcional. É também gênero audiovisual que procura descrever e interpretar o mundo da experiência coletiva. Por isso, ao se visualizar um documentário, torna-se facilmente possível encontrar as explicações lógicas para determinado acontecimento.

Através dos estudos analisados, conseguiu-se abordar a História do movimento político ideológico Nazismo e sua assunção no mundo dos documentários como pano de fundo para propagandas políticas, que além de serem usados como estratégias de entretenimento, também preparavam o sentimento nacionalista do povo alemão e dos exércitos durante as grandes guerras.

A relação do nazismo com a linguagem audiovisual explicitou por meio de propagação do ideal político e de propaganda dos embates bélicos e políticos em que estavam obtendo êxito e conquistando territórios, principalmente pela Alemanha participar do avanço das tecnologias nas décadas de 1920-1940, enfatizando-se a proposta de disseminar imagens, símbolos, mitos e utopias que passaram a se tornar eficazes no processo de adesão aos ideais políticos nazistas, o que se consolidou no cinema de propaganda nos dois movimentos de guerra mundial.

Também, se postulou, com o auxílio dos referenciais teóricos utilizados, sobre os documentários nazistas e as propagandas políticas que influenciaram a organização de filiais do partido nos estados brasileiros e expedições na Amazônia. O partido nazista no Brasil (1928-1938) estava inserido em uma rede de filiais, facilitando a "tropicalização do nazismo" em 17 estados brasileiros, sendo Hans Henning Von Cossel, considerado como Führer tupiniquim. Os alemães vieram no período de guerras com o processo de imigração e, por meio de expedições, foram criando escritórios de fachada para espionar e repassar informações para a Alemanha. Em 10 anos (1930-1940) houve a adesão e participação nesses grupos nazistas em todas as regiões do país. Na região Norte destacava-se o Pará, de onde foi autorizada uma expedição com uso do dirigível alemão em 1935 que

levou visitantes alemães ao Rio de Janeiro para avaliar a imagem do paraíso tropical, tudo registrado em relatórios enviados para a Alemanha. Outra expedição foi de barco e hidroavião para o rio Amazonas, visando conhecer fauna e flora no percurso do rio Jari até a fronteira com a Guiana Francesa. As informações colhidas compunham os cinejornais e os documentários militares, mostrando de que maneira viviam os alemães que viviam no Brasil.

Por último, conseguiu-se apresentar e identificar os elementos históricos presentes nos documentários nazistas realizados em meio às expedições na região norte do país, especificamente, a que se iniciou no Pará, adentrou o rio Jari e se encerrou na fronteira com a Guiana. Essa expedição composta por três alemães e um brasileiro produziu acervo fotográfico e o filme documentário "Expedição Nazista no Amapá" que retratou o Amapá através do reconhecimento da área como coração dos continentes, onde existem matas enormes desconhecidas e inexploradas que poderiam servir de exploração dos segredos da ideologia nazista. Assim, enveredaram-se a explicar os estilos de vida dos homens que habitaram a região, o que aconteceu por 17 meses no espaço branco do rio Jari, explicando que utilizaram hidroavião, canoas, jangadas, com espingarda, diário e filmadora, para realizar a travessia do sul ao norte da Guiana brasileira no rio Jari.

Aspectos culturais e comportamentais foram tratados no documentário, os nazistas relataram os espantos dos membros da comunidade com seu estilo de vida, suas vestimentas, seus equipamentos e outros pontos culturais divergentes. Constataram que em nenhum lugar há traços de habitações humanas nas florestas. Mas, com os ribeirinhos que compunham a equipe da tripulação, puderam ouvir histórias de que, há quatro anos passados, três homens da selva de pele marrom apareceram em canoas na grande corredeira e trocaram com os seringueiros os seus papagaios mansos por facas, miçangas e cachorros. Desde então, com o fascínio das histórias, o propósito da viagem se voltou ao encontro desses índios.

O documentário detalha os desafios da expedição. Foi relatado que a primeira barricada foi as cataratas de mais de vinte metros de altura. Oito dias depois, mais corredeiras, e de dificuldade e vários desafios rompidos com a ajuda dos ribeirinhos contratados, conseguiram ter contato com um índio *Apalai*, que os leva para a aldeia e inicia a coleta de materiais para os museus, onde ficam por 10 meses e voltam a navegação e novas corredeiras. Passados cinquenta e dois dias de viagem, constatam-se, pelos alemães, construções esquisitas como tripés no meio do rio, eram os índios Wayanã, vistos como desconfiados e calados. Em todo o tempo, as filmagens não pararam de acontecer. Dez dias passam ali. E voltam para o rio Jari, mais alguns dias passam e mantêm contato com os *Waijãpi*, uma tribo primitiva de índios tupi. A vida indígena passa a ser observada e registrada por vídeo e por áudio. Assim, inicia-se a aquisição dos objetos culturais para o Museu Etnológico de Berlim dessa tribo indígena que foi considerada extinta. Salienta-se que o vídeo mostra que os objetos culturais foram obtidos por meio de troca de colheres de arroz preparado pelos visitantes. O fim do filme é feito por uma avaliação e um sentimento de nostalgia e triunfo, tanto que o narrador expôs relatos saudosos sobre a despedida com os índios e o retorno pelo rio Amazonas novamente em direção ao mundo dos brancos. E enquanto voavam, dia após dia, pelas corredeiras selvagens, continuamente sob ameaça de naufragar nos turbilhões do rio de água cheia, crescia-lhes uma sensação de agradecimento e de triunfo.

Compreendeu-se que as ideias de regimes totalitários mostram interpretações simplistas e preconceituosas sobre os povos indígenas, bem como, há muito interesse pela Amazônia, por terras indígenas e por expansão de rotas para a conquista da vitória em encontros bélicos futuros.

Também assevera-se que a cena da fotografia do túmulo nazista de Joseph Greiner causa curiosidade, mas as pesquisas evidenciam o papel do historiador consiste em interpretar

criticamente as fontes históricas. Por isso, o artigo permitiu contribuir para o conhecimento histórico e para o entendimento reducionista que os alemães nazistas tinham sobre indígenas, sobre a Amazônia e sobre as comunidades ribeirinhas. Sendo, portanto, possível aprofundar pesquisas, que, por recomendação, poderão evidenciar o foco real de levantamento histórico e militar para a visita controversa e instigante dos alemães no rio Jari através de expedições, que puderam ser retratadas e eternizadas em documentários históricos.

Data de Submissão: 08/08/2025
Data de Aprovação: 04/09/2025
Processo de Avaliação: *double blind peer review*
Editora Geral: Profa. Dra. Hirdan Katarina de Medeiros Costa
Editores Convidados:
Prof. Dr. Dinaldo Barbosa da Silva Júnior (PPGD-UNIFAP-BRASIL)
Prof. Dr. Omar Huertas Díaz (UNIVERSIDAD NACIONAL DE COLOMBIA)
Prof. Dr. Diego Moura de Araújo (PPGD-UNIFAP-BRASIL)
Prof. Dr. Nicolau Eladio Bassalo Crispino (PPGD-UNIFAP-BRASIL)
Editora de Seção: Ana Caroline de Luna Maia

REFERÊNCIAS

CAPELATO, Maria Helena. **História e cinema**: Dimensões Históricas do Audiovisual. 2. ed. São Paulo; Alameda, 2011.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL — CPDOC. **Integralismo**. 2009.

Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/integralismo. Acesso em: 01 jan. 2021.

DAEHNHARDT, Patrícia. As origens da Grande Guerra e o estatuto de Grande Potência: o caso da Alemanha. **Relações Internacionais**, Lisboa, PT, v. 1, n. 1, p. 79-93, jun. 2014.

DIETRICH, Ana Maria. **Caça às suásticas**: o Partido Nazista em São Paulo sob a mira da polícia política. São Paulo: Humanitas, 2007.

FERRO, Marc. **Cinema e história**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA - IBGE. **Cachoeira de Santo Antônio no Rio Jari**: Mazagão, AP. [197-?] 1 fotografia, p&b. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=43245. Acesso em: 5 jun. 2020.

INGRAO, Christian. **Crer e destruir**: Os intelectuais na máquina de guerra da SS nazista. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2018.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. São Paulo: Papirus, 1989.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de. O documentário como gênero audiovisual. **Comun. Inf.**, Goiânia, GO, v. 5, n. 1/2, p. 25-40, 2002.

MONTORIL, Nilson. Expedições científicas alemãs na Amazônia. *In*: MEDEIROS, Rostand. **Blog tok de história,** [s.l.], 8 ago. 2012. Disponível em: https://bit.ly/3aJ5FV0. Acesso em: 5 jun. 2020.

NEHER, Clarissa. **Expedição nazista ao Brasil popularizou a Amazônia no Terceiro Reich**. Noticias.uol.com.br, São Paulo, 16 de março de 2020. Disponível em: <https://bit.ly/34h8X0I>. Acesso em: 5 de junho de 2020.

PEREIRA, Cioffi; PEDRO, João. Trabalho e pão: a República de Weimar a partir de cartazes nazistas de 1932. **Ateliê de História,** São Paulo, v. 5, n. 2, p. 23-31, 2017.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. Cinema e propaganda política no fascismo, nazismo, salazarismo e franquismo. **História: Questões & Debates**, Curitiba, v. 1, n. 38, p. 101-131, 2003.

PINHEIRO, Wagner. **O império das imagens de Hitler: o projeto de expansão internacional do modelo de cinema nazi-fascista na europa e na américa latina**. Orientador: Maria Helena Rolim Capelato. 2008. 432 f. Tese (Doutor em História)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: https://bit.ly/3gieE0A. Acesso em: 10 de junho de 2020.

RAMOS, Fernão Pessoa. O que é Documentário? *In*: RAMOS, Fernão Pessoa; CATANI, Afrânio (Org.). **Estudos de Cinema SOCINE 2000**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2001, p. 192-207.

RÄTSEL der urwaldhölle. Produção de Otto Schulz-Kampfhenkel. Alemanhã: 1938. Vídeo. 9m13s. son. p&b. Disponível em: https://bit.ly/31f1c9s. Acesso em: 5 de junho de 2020.

REIS, Thiago Oliveira da Cruz; DUARTE, Renata Garcia Campos. O Brasil no Tratado de Versalhes, 1919: A participação do Brasil no Tratado de Versalhes e a repercussão no Jornal Correio da Manhã (Rio de Janeiro). **Igualitária: Revista do Curso de História da Estácio BH**, Belo Horizonte, v. 1, n. 14, p. 1-27, 2019.

REZENDE FILHO, Luiz Augusto; SÁ, Marcia Bastos de. Documentário científico e acervos audiovisuais: Arqueologia da produção brasileira. *In*: ENCONTRO ANUAL DA AIM, 5., Lisboa, 2016 **[Anais...]** Lisboa: Santiago de Compostela, 2016. p. 620-629.

RODRIGUES, Nelson. A última entrevista de Nelson Rodrigues. [Entrevista cedida a] J. J. Ribeiro, em out. 1980. *In*: Alexandre Flores Alkimim. **Entrevistas**. Disponível em: https://www.revistabula.com/5753-a-ultima-entrevista-de-nelson-rodrigues-2/ Acesso em: 1 fev. 2020.

SANTIAGO, Luiz**.** O cinema nazista: Breve panorama. *In*: **Blog o plano crítico.com**, [s.l.], 8 dez. 2014. Disponível em: https://bit.ly/31g4rh9. Acesso em: 10 jun. 2020.

SOARES, Thalita Maciel. Reflexões sobre a importância do filme-documentário "Cabra Marcado para Morrer" (1984) para pesquisadores que possuem como objeto as Ligas Camponesas brasileiras. *In*: JORNADA DE ESTUDOS HISTÓRICOS, 14., Rio de Janeiro, 2019**. [Anais...]**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2019.

SOLIZ, Neusa. **As diferentes fases da imigração alemã no Brasil**. 10 maio 2004. Disponível em: https://bit.ly/34pBaTf. Acesso em: 10 jun. 2020.

SOUZA, Vitor Amoroso de. **A história e o cinema; o cinema como agente histórico e mecanismo de representatividade e educação**. Brasil Escola, 20 abr. 2019. Disponível em: https://bit.ly/3aKEdX8. Acesso em: 10 jun. 2020.

SZKLARZ, Eduardo. **Nazismo**. São Paulo: Abril – Super Interessante, 2017. TOMAIM, Cássio dos Santos. O documentário e sua "intencionalidade histórica". **DOC On-line: Revista Digital de Cinema Documentário**, Covilhã, PT, v. 1, n. 15, p. 11-31, 2013.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. **Enganando o público** Holocaust Encyclopedia. Disponível em: https://bit.ly/3j3SYHB. Acesso em: 10 jun. 2020.

URBIM, Emiliano. O plano nazista para roubar a Amazônia. **Revista Super Interessante**, São Paulo, v. 1, n. 356, nov. 2017. Disponível em: https://bit.ly/32agtYG. Acesso em: 5 jun. 2020.

WINTER, Jay. A geração da memória: reflexões sobre o *boom* da memória nos estudos contemporâneos de História. *In*: SELLIGMAN-SILVA, Márcio (Org.). **Palavra e imagem: memória e escritura**. Chapecó: Argos, 2006. p.67-90.

"O Mistério Do Inferno Do Mato": The German Expedition By Rio Jari - Amapá

Evelanne Samara Alves da Silva

Abstract: The article addresses the Nazi expedition in Amapá, which gave rise to the documentary about a German Amazon-Jari Expedition. The general objective of this article is to show the importance of documentary as a historical source and describe how actions were planned for production and the most relevant aspects demonstrated in the documentary, produced between 1935 and 1937. In the methodological course, a bibliographic survey was used to organize the theoretical reference and use of the survey of historical documents, films and historical documentaries on Nazism during the two great world wars and photographic collections of German travelers. It was concluded that the documentary about the Nazi expedition in the river Jari presented, because of the total crossing of the river Jari - Amapá, nuances of the meeting of the Nazis and riverside and the cultural shock with the Apalai and Wayanã Indians who participated voluntarily in the collection of animal pelts, props and cultural objects, in addition to the documentary bring a representation of aspects of fauna and flora and be the result of exchange of experiences in favor of a science model.

Keywords: Documentaries; Scientific expeditions; Nazism.

DOI: https://doi.org/10.22478/ufpb.1678-2593.2025v24n56.75352

Contend sob license *Creative Commons*: Attribution-Noncommercial-Nonderivative 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0)